

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

W. KOHLER — La théorie de la forme — Réponse à la critique de M. Rignano — E. RIGNANO — La théorie de la forme — Réponse à l'anti-critique de M. Köhler — Extr. de «Scientia», Maio de 1928.

A uma crítica severa da teoria da forma, feita pelo prof. Rignano, respondeu extensamente na própria revista dirigida por este professor, que com a maior galhardia lhe facultara essas páginas, o prof. W. Köhler, do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim. A separata que temos presente, contém, em seguida, a resposta a esta anti-crítica dada na mesma revista pelo prof. Rignano.

Não é possível recapitular nalgumas linhas as teses que os dois ilustres contraditores perfilham, e os argumentos que mutuamente se opõem. A discussão estabeleceu-se sobre a teoria da forma (*Gestalttheorie*) que o filósofo italiano combate e o seu colega berlinês defende. Para este último as unidades e os grupos («formas no sentido restrito») que nos aparecem relativamente destacados do ambiente, são percebidos globalmente e não como constituindo o resultado da soma ou associação de múltiplas sensações elementares. Pelo contrário, o prof. Rignano entende que as «formas» são secundárias, derivando da composição ou integração de elementos sensoriais primários e isolados. À *subjectividade* da percepção, que, segundo os «Gestaltistas», depende não só das condições exteriores da excitação mas também das condições internas do indivíduo, opõe o prof. Rignano a tese da *objectividade* e da mútua autonomia dos elementos sensoriais propriamente ditos, das sensações já produzidas. O filósofo alemão combate o método introspectivo, que para o seu colega italiano é o método por excelência em psicologia, e preconiza com exclusivismo o método experimental, que, objectivo e exterior, se contenta segundo Rignano, com o registo analítico dos factores em acção no momento da experiência e despreza a visão sintética do factor principal, o qual escapa à investigação e à explicação sem o auxílio das demonstrações obtidas por via introspectiva.

Na sua anti-crítica, o prof. Köhler acusa o seu opositor de ignorar a evolução realizada na psicologia alemã depois de 1910,

de desconhecer muitos livros e estudos e de confundir a significação de várias expressões técnicas alemãs, entre as quais a própria *Gestalt, Sinn*, etc.

A resposta do prof. Rignano é um novo libelo cerrado contra a teoria da forma. Acusando, com razão, o seu antagonista de obscuridade na exposição da sua doutrina e em muitas passagens do seu artigo, o autor mostra a contradição do prof. Köhler, quando, negando a existência dos dados sensoriais primários e múltiplos e a sua associação, define a «Gestalt» como um «grupo». Grupo de quê? A palavra «grupo» implica a existência de partes. Estas são a mesma coisa, quer se lhes chame, como os associacionistas, «sensações elementares», quer, como o próprio Köhler, «particularidades locais da percepção».

A objectividade das constatações perceptivas decorre da *unanimidade* das observações dos factos exteriores. As sensações brutas são as mesmas para todos. As diferenças nas percepções resultam de «complementos perceptivos» momentâneos e variáveis dum indivíduo para outro, em virtude da entrada em jôgo de evocações mnemónicas diferentes. Mas, corrigidas essas diferenças, (único facto que parecia dar apoio aos gestaltistas), obtém-se a unanimidade completa de observações.

O argumento dos cegos de nascença que, operados, conseguiram ver, e que logo compreendem muito bem a pergunta do médico «o que é isto?», embora não identifiquem de pronto os objectos, é empregado por Köhler para demonstrar que eles veem «grupos-unidades» sem a interferência de quaisquer experiências afectivas. A isso responde Rignano que o conceito de objecto já fôra adquirido graças a sensações tacteis, acompanhadas de qualquer tendência afectiva. Ora, se o cego operado verifica que um dado grupo de sensações fica sempre unido e, quando pôsto em movimento pelo médico, se destaca pouco a pouco das outras sensações, imediatamente compreende que êsse grupo constitui um objecto. Assim, as *Gestalten* não se formam primária mas secundariamente, graças ao movimento dos objectos e à intervenção das tendências afectivas que êsses objectos podem satisfazer ou contrariar.

O prof. Köhler contestara a asserção de que a «Gestalttheorie» era uma tentativa de rejuvenescimento da teoria kantista das formas pre-estabelecidas. O seu opositor esclarece que não confundiu as duas doutrinas, mas que ambas são susceptíveis duma mesma objecção: a de não explicarem como formas produzidas espontaneamente no nosso espírito correspondem tão bem à realidade.

Defendendo o método introspectivo, sem o qual a psicologia

chamada experimental, desde os «behavioristas» e os reflexólogos até Bechterev, até aos psico-fisiologistas e aos gestaltistas, não poderia conduzir a qualquer resultado utilizável no estudo da alma, o prof. Rignano diz que os fenómenos vitais e psíquicos, dos mais elementares aos mais complexos, teem uma feição teleológica ou finalista, que os distingue dos factos do mundo inorgânico. Aqueles fenómenos são os resultados duma série de acumulações e de evoluções que mergulha as suas raízes num passado mais ou menos longínquo. Não se trata de misteriosas causas finais, mas dum impulso de acumulações mnemónicas que actuam como causas actuais, como «vires a tergo» não como «vires a fronte». Os experimentalistas não vêem que, renunciando à introspecção em psicologia, procedem como aquele que, lendo um livro, se limitasse a examinar a forma objectiva e exterior dos símbolos gráficos, sem se importar com a sua significação.

A lúcida teoria mnemónica e neo-finalista da vida que o prof. Rignano já tem exposto noutros livros e publicações, oferece-nos porventura, sob alguns aspectos, apenas mais algumas soluções verbais, sobretudo nas inferências morais que dessa teoria o ilustre filósofo se propôs tirar, como, por exemplo, no último capítulo do seu livro *Qu'est ce que la vie?* (Paris, 1926) ou no artigo *Science et Morale* («Revue de Métaphysique et de Morale», Paris, 1927). Mas há naquela doutrina um grande fundo de verdade e de justo equilíbrio.

Estas mesmas qualidades se manifestam nas críticas feitas pelo prof. Rignano à *Gestalttheorie*. À erudição pesada e por vezes nebulosa do autor alemão opõe êle uma simplicidade e uma clareza que lhe dão vantagens na polémica. Às múltiplas citações bibliográficas opõe argumentos claros, tirados do simples exame dos factos positivos. E dessa controvérsia cavalheiresca e sábia desprende-se, pelo menos, que é sempre perigosa uma visão exclusivista e unilateral dos factos. A «Gestalttheorie» é mais um edificio doutrinário, com uma fachada feita de nomes técnicos e com uma complicada arquitectura erudita, que pretende em vão abranger o problema das formações perceptivas. O associacionismo não marca também nitidamente os limites entre as percepções globais e as unidades sensoriais. O que é o elemento, a parcela, e onde começa o grupo, nas aquisições sensoriais?

No entanto, a razão inclina-se mais, a nosso vêr, para o lado dos associacionistas, para os quais a percepção é uma integração, e o prof. Rignano está também no bom campo quando proclama a insuficiência da psicologia experimental sem a introspecção. Tal parecer não deve implicar, porém, a eliminação daquela, cujo carácter puramente objectivo, despojado de várias causas de êrro,

como certas inclinações pessoais e ideias *a priori*, lhe outorga um subido valor desde que na crítica dos seus resultados sejam devidamente ponderadas as indicações da psicologia introspectiva e as diferenças entre os factos do mundo inorgânico e os fenómenos vitais e psíquicos.

MENDES CORRÊA.

LOUIS GERMAIN — *L'origine et les caractères généraux de la faune malacologique terrestre et fluviatile des îles du Cap Vert* — Extr. des « Comptes-rendus du Congrès des Sociétés Savantes en 1926 ». Paris, 1927.

O ilustre malacologista do Muséum, de Paris, faz neste trabalho uma bela síntese dos materiais que sobre a sua especialidade tem sido reunidos, relativamente às nossas ilhas de Cabo Verde. Depois duma descrição sumária destas ilhas sob os pontos de vista geográfico, geológico, climatológico e biogeográfico, enumera os estudos já realizados sobre a sua fauna de Moluscos terrestres e fluviais, não esquecendo nessa enumeração a monografia publicada em 1909 pelo prof. A. Nobre, da Universidade do Pôrto.

Em seguida estabelece uma lista das 60 espécies já conhecidas, entre outras que uma exploração mais ampla das ilhas deverá fornecer, desses Moluscos de Cabo Verde, e indica a sua repartição nas diferentes ilhas, quer na actualidade, quer no estado fóssil, quer ao mesmo tempo vivas e fósseis, e a sua representação, pelas mesmas formas ou por formas vizinhas, nas ilhas dos Açores, Madeira e Canárias e na Europa e África continentais. Muitas espécies foram introduzidas numa época mais ou menos recente: proveem das regiões circum-mediterrâneas, da África tropical ou da América. Outras são autóctones, pertencendo as mais características às famílias dos *Endodontideos*, dos *Helicídios* e dos *Pupilídeos*. Alguns conglomerados das ilhas do Sal e de S. Tiago forneceram moluscos fósseis quaternários.

Caracterizando a fauna malacológica determinada, o autor considera-a, como a dos outros arquipélagos, essencialmente continental e, incluindo-a na região paleártica, afirma ser mais afim da ilha da Madeira, do que da das Canárias, e, como a dos outros grupos insulares, uma continuação da da Europa média na era terciária (sobretudo oligoceno e mioceno superior), apresentando também analogias importantes com a fauna das Antilhas.

Destas conclusões o prof. L. Germain depreende que as ilhas do Cabo Verde, sem relações com a África equatorial vizinha, teriam pertencido a uma antiga massa continental, ligada à África septentrional, à Europa meridional, às Antilhas e ao norte da América do Sul, fazendo parte dessa « Atlântida » terciária também os arquipélagos dos Açores e da Madeira. Quando muito, desde o princípio do mioceno médio, as ilhas de Cabo Verde se teriam separado dessa massa continental e evolutivo independentemente dos outros arquipélagos atlânticos, vindo juntar-se à sua fauna autóctone espécies estrangeiras, que penetraram pelas mais diversas vias. A acção do homem intervem na descaracterização da fauna malacológica primitiva.

O prof. Germain, ao contrário de tantos devaneadores e fantasistas que se tem proposto solucionar o problema da Atlântida de Platão, vem de há muito trazendo para o debate desse problema, sempre palpitante e sugestivo para os países ocidentais, uma grande quantidade de elementos rigorosamente científicos, que se não confundem com os romances arquitectados sobre bases movediças e incertas por aqueles devaneadores e fantasistas. Não dão ainda esses elementos uma solução definitiva do problema, mas nem por isso eles deixam de possuir o maior interesse e um autêntico valor científico.

Quando em 1920 numa breve explanação sobre o assunto (*Um problema paleogeográfico* — Sep. da « Revista da Faculdade de Letras do Pôrto », 1, Pôrto), nos ocupámos de vários aspectos da questão da Atlântida platónica, aludimos, entre outros, aos estudos malacológicos do falecido professor da antiga Academia Politécnica do Pôrto (hoje Faculdade de Ciências), Barão de Castelo de Paiva, e escrevemos que, embora este investigador afirmasse que entre a fauna malacológica das Canárias e Cabo Verde havia mais afinidades do que entre as destas últimas ilhas e Madeira, a análise das listas de espécies por ele mesmo fornecidas nos levava a supor que não era assim. A monografia de M. Germain vem dar inteiro fundamento a essas dúvidas.

O trabalho do ilustre malacologista francês possui, além do seu mérito intrínseco, o subido interesse especial para nós, Portugueses, que deriva de se referir a um nosso domínio colonial e de se relacionar com a questão dum antigo continente atlântico.

M. C.

MARTHE et SAINT-JUST PÉQUART — *Technique et Fouilles Pré-historiques* — Extr. da «Revue des Musées et Collections Archéologiques», n.ºs 14 a 18, 19 págs. e 16 figs. Dijon, 1928.

Neste interessante estudo os AA. resumem os métodos de investigação científica que tão proficuamente teem aplicado nas suas explorações prehistóricas na Bretanha.

Em abundantes ilustrações, que provam a importância do registo fotográfico, segue-se a excavação por camadas horizontais, de tanto proveito estratigráfico; a libertação e limpeza de peças e de construções; a passagem ao crivo e lavagem de terras, etc. Com tóda a razão é frisada a vantagem de conservar testemunhos de terreno; de enterrar *in loco* as peças inúteis (juntamente com uma moeda de cobre para datar o remeximento), e, por último, de deixar o terreno no seu estado primitivo.

RUY DE SERPA PINTO.

UGO RELLINI — *Sulla nomenclatura delle culture quaternarie* — Extr. do «Bulletino di Paleologia Italiana», anno XLVII, 1927, 16 págs. Roma, 1929.

Crítica das designações escolhidas para as diversas épocas prehistóricas, levando à elaboração dum esquema com as divisões: eolítico, protolítico, paleolítico, miolítico (inferior e superior) e protoneolítico; que é comparado ao esquema de Menghin (protolítico, miolítico e neolítico).

O ciclo das amígdalas do miolítico superior é constituído, sob reserva, pelo asturiense e maglemosense. Nos «picos» portugueses de Ancora o A. reconhece uma técnica semelhante à dos amigdalóides materanos.

R. S. P.

HUGO OBERMAIER — *El paleolítico del África menor* — Extr. de «Homenaje a Bonilla y San Martín», t. I, Madrid, 1927; *El paleolítico del Marruecos español* — Extr. de «Bol. de la Real Soc. Españ. de Hist. Nat.», t. XXVIII, Madrid, 1928.

Na primeira publicação, o ilustre prehistoriador faz uma síntese e uma crítica dos materiais existentes que se referem ao

paleolítico da «África menor» dos antigos, ou seja, dos países situados ao norte do Saará, entre o Oceano Atlântico e o Egito.

Depois de autorizadas considerações sobre glaciologia dessa área e da enumeração duma lista das espécies diluviais da mesma área, o A., prescindindo dos eólitos, estuda o paleolítico inferior que coincide nas linhas gerais com o da Europa ocidental e da Ásia menor. Com «o chelense tóscio, o acheulense fino e o mustierense de tipos pequenos», semelhantes aos europeus, agrupam-se várias facies regionais, como a chamada Sbaikiense e a Ateriense. O paleolítico superior, dentro da cultura capsense, evoluciona lentamente, abandonando os tipos aurignacenses e preferindo os microlitos geométricos. As estações mais típicas são as «escargotières». O capsense aparece raras vezes em abrigos. O paleolítico continua a S., no Saará, mostrando como as condições de existência se modificaram ali com o tempo.

Da arte rupestre, registaram-se muito poucas pinturas e numerosas gravuras. No grupo prehistórico destas representações, distingue-se um subgrupo naturalista e outro, mais recente, semi-naturalista. O búfalo antigo gigante (*Bubalus antiquus*) aparece muito nas representações primitivas, bem como o elefante, talvez o moderno *Elephas africanus*, aclimatado na região até ao princípio da era cristã. Aparecem também o leão, a pantera, gazelas, caprídios, avestruzes, equídios selvagens, bovídeos também selvagens, etc. Faltam hipopótamos, camelos, cervos. Haveria algumas figurações relacionadas com o culto líbico do carneiro, propagado ao Egito. As figurações humanas não teem interesse e seriam talvez neolíticas. Mas Obermaier, sem se fixar numa cronologia definitiva para a arte rupestre prehistórica norte-africana, julga verosímil que uma parte seja relacionada com o quaternário, embora diferindo da arte paleolítica do sudoeste da Europa, o que testemunha uma evolução independente.

A cronologia do paleolítico antigo norte-africano não diferiria sensivelmente do europeu, o que leva o A. a afirmar que o ocidente do Mediterrâneo teria então formado uma unidade cultural, a despeito da abertura do estreito de Gibraltar no princípio do quaternário. O ateriense e o sbaikense, africanos, ter-se-iam propagado à Península Ibérica, como mais tarde o capsense espanhol se teria esporadicamente infiltrado nalgumas estações francesas (aurignacense superior de La Font-Robert).

O segundo trabalho do prof. Obermaier é uma nota preliminar dos resultados arqueológicos duma sua exploração, em Setembro de 1927, da região do Marrocos espanhol, banhada pelo Atlântico, Tanger e comarca de Tetuan e Xauen. Essa região, como todo o Marrocos espanhol, estava quasi virgem duma exploração siste-

mática. Em contraste com Marrocos francês, Tunísia e Argélia, não fornecera ainda mais do que achados soltos de machados polidos. Nem uma só estação paleolítica ali se registara.

As investigações valiosas do sábio prehistoriador conduziram ao conhecimento de numerosas estações paleolíticas, achando-se representadas na lista o chelense (Quitizán), acheulense (El Mogote II), mustierense (Arcila, Cuesta Colorada, Zeguelet, El Mogote I), capsense antigo (Cuesta Colorada), capsense superior ou final (Zinatz). Outros jazigos apareceram além destes, como o do terraço quaternário do rio Lucus, em Uhla Harnid, ao norte de Alcácer Kibir, com quartzites do paleolítico inferior, etc., sendo de registar também achados neolíticos.

Esta simples resenha mostra a importância das descobertas do prof. Obermaier que veio revelar o alto interesse duma zona até então inexplorada e de que anuncia uma descrição detalhada, estratigráfica e arqueológica, numa publicação ulterior.

Aos investigadores peninsulares não podem ser indiferentes pesquisas tão valiosas nas regiões africanas próximas.

M. C.

**Bulletin of the American School of Prehistoric Research** — Report by the director on the work of the sixth season, March 1927; Report by the director on the work of the seventh season, etc., March 1928.

Em 1926 a Escola Americana, fundada em 1921, trabalhou na Inglaterra, Holanda, Alemanha, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça e França. Os seus membros visitaram numerosos museus e muitas estações, tendo-lhe sido feitas 56 conferências especiais pelo seu ilustre director prof. Mac Curdy Grant e por numerosos investigadores eminentes da Europa.

O relatório de 1927 refere-se largamente à questão de Glozel, declarando o prof. Mac Curdy não poder dizer se dois objectos que ali encontraram, estavam *in situ* ou não, porque fazia um tempo péssimo a quando das suas escavações. Nesse ano houve 50 conferências e foram visitadas 63 estações prehistóricas importantes e 35 museus e colecções. Houve 25 dias de escavações, que deram material para as colecções americanas.

O segundo relatório, como o primeiro, muito ilustrado, é acompanhado dum estudo de Mr. J. Russel, membro da Escola, sobre achados prehistóricos da região de Civray, França.

M. C.

TELESFORO DE ARANZADI y JOSÉ MIGUEL DE BARANDIARÁN — Nuevos hallazgos de arte magdaleniense en Viscaya — Extr. del «Anuario de Eusko-Folklore», t. V, 6 págs. e 4 figs. 1927.

Continuando a publicação das suas notáveis explorações nas províncias bascas, de que vimos alguns materiais no Museu de S. Sebastian, os AA. descrevem um calhau rolado da gruta de *Santimamiñe*, em que se distingue a gravura dum quadrúpede, e uma placa de hematite com um cavalo gravado da gruta de *Lumentxa*.

A primeira estação já era conhecida por um completo estudo dos AA. em colaboração com D. Enrique de Eguren (Bilbao, 1925).

R. S. P.

E. PASSEMARD et H. BREUIL — La plus grande gravure magdalénienne à contours découpés — Extr. da «Revue Archéologique», XXVII, 4 págs., 1 est. e 1 fig. Paris, 1928.

Em duas galerias da gruta de *Isturitz*, afastadas mais de 100 metros, descobriu o dr. Passemard os fragmentos duma bela gravura madalenense de bisonte, com o contorno recortado, que é a maior que se conhece (0,22<sup>m</sup>). A traço firme estão gravados os detalhes da figura nas duas faces da placa, sendo notável a naturalidade da cabeça.

A associação dos dois fragmentos foi feita pelo Ab. Breuil, que publica uma reconstituição do conjunto.

R. S. P.

MICHEL ROUDYNSKY — Sur la question du mésolithique en Ukraine — Extr. de «Anthropologie». Annuaire du Laboratoire d'Anthropologie de Th. Vovk de l'Académie des Sciences Ukrainienne, págs. 73-94, 15 figs. e 9 ests. Kyiv, 1928; **Monuments de l'île Lokhan** — Extr. d'«Anthropologie», págs. 143-168 e ests. I-IV. Kyiv, 1928.

No primeiro destes estudos o prof. Roudynsky contribui valiosamente para o conhecimento das estações epipaleolíticas ukra-

nianas, e faz a crítica de alguns trabalhos de síntese, e da concepção do mesolítico.

A estação de *Ohhtyrka* (Kharkiv) apresenta uma indústria tardenoisense, afim dos achados da bacia do *Donetz*, que o A. considera duma fase primitiva pela raridade de instrumentos trapezoidais típicos. Contudo é individualizada por instrumentos ultramicrolíticos, de grande variedade de formas, fabricados de sílex ou grés mal patinados.

Na margem direita do *Smitchka*, nos arredores de *Novhorod-Siversky*, o prof. M. R. descobriu uma indústria do tipo de *Font-Robert*, compreendendo instrumentos típicos de sílex.

\* \* \*

Nas praias da ilha *Lohkan* foram registados 20 polidores fixos neolíticos, que constituem uma novidade de grande interesse para a prehistória da *Ukrânia*. Os sulcos deixados pelo atrito, num total de 55, apresentam-se com a forma de dois arcos ligados nos topos ou de cavidades circulares com uma protuberância central.

O prof. M. R. compara estes polidores com outros da *Finlândia* e países escandinavos, e mostra quanto se afastam dos tipos clássicos franceses, só encontrando paralelos nas gravuras consideradas como representações de cascos de equídeos.

R. S. P.

P. EUGÉNIO JALHAY — *La estación asturiense de La Guardia (Galicia)* — «Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense». VIII, n.º 179, págs. 169-186, 3 figs. e 4 ests. Orense, 1928.

Tradução espanhola dum notável artigo já analisado (*Trabalhos*, III, pág. 357).

Juntamente com *El asturiense en Galicia* («Bol. de Orense», VII, n.º 165), o seu A. marca o início de numerosas descobertas dum período ignorado na costa ocidental da Península, cuja honra lhe cabe.

R. S. P.

ZACHARIE LE ROUZIC — *Les monuments mégalithiques de Carnac et de Locmariaquer. Leur destination. Leur âge* — 48 págs., 5 ests. e 1 mapa arqueológico desdobrável. 4.ª ed. Vannes.

Com o seu comprovado saber o A., ilustre conservador do «Museu Miln de Carnac», publicou um modelar guia que pode prestar bons serviços aos especialistas. Haja em vista o cuidado pôsto na escolha das estampas e no desenho do mapa (escala 1 : 80000).

Depois duma introdução prehistórica destinada a orientar o excursionista, o A. define sete categorias de monumentos megalíticos, que descreve em detalhe, estudando a sua função e idade (quadro esquemático a pág. 44).

R. S. P.

ISMAEL DEL PAN Y FERNÁNDEZ — *Notas para el estudio de la Prehistoria, Etnología y Folklore de Toledo y su provincia* — 56 págs., 17 figs. e 2 ests. Toledo, 1928.

Este trabalho constitui o discurso de recepção do seu ilustre A. na Real Academia de Toledo.

Reünem-se nêle valiosos dados inéditos, como os instrumentos paleolíticos de *Valdembos* e *Buenavista*, machados neolíticos de *San Pablo de los Montes*, etc., a outros já publicados pelo infatigável académico.

A vida e costumes da população toledana passam numa viva descrição, com seus maus olhados, *salvadoras*, festas e romarias.

No final chama-se a atenção para o estudo científico da região, para o qual, sem dúvida, o dr. I. P. carregou importantes materiais.

R. S. P.

ABÍLIO M. ROSEIRA — *O bronze em Liceia* — «Cultura» Revista de Letras, 1.ª série, n.º 2, págs. 36-38 e 2 figs. Lisboa, 1926.

As previsões de Carlos Ribeiro e dr. Leite de Vasconcelos, de que o povoado prehistórico de *Liceia* (Lisboa) conhecerá o uso do cobre, são confirmadas, e até excedidas, pelo aparecimento dum machado de bronze, de alvado e com duplo anel (bronze IV), infelizmente partido.

A importância do achado é grande, por alargar a área de

distribuição destes machados, pouco vulgares em Portugal, acompanhando a sua descrição uma boa bibliografia e excelente crítica.

R. S. P.

**Catálogo dos Castros Galegos** — Fasc. II. Terra de Celanova. 28 págs., 15 figs. e 1 mapa. Publicacións do Seminario de Estudos Galegos. Seizón de Prehistoria. A Cruña, 1928.

Catálogo de dezasseis castros, continuando a benemérita tarefa encetada pela publicação de *Val de Vilamarín* (fasc. I, 1927).

Acompanha o esquema das fortificações de cada castro, a sua descrição, dimensões e localização; e notícia dos achados arqueológicos e tradições que lhe andam ligadas. O material exumado é parco, destacando-se um machado de ferro de alvado de *Castromao*.

Um mapa (escala?) com o provável traçado da via romana, de que se encontraram miliários, patenteia a distribuição das estações castrejas que, tirando dois grupos, se apresentam com pequena densidade.

Deve-se o catálogo quasi exclusivamente ao ilustre arqueólogo ourensano D. Florentino López Cuevillas, devotado presidente da Secção de Prehistória do Seminário de Estudos Galegos.

R. S. P.

**MÁRIO CARDOSO — Citânia (Um problema de etimologia)** — Sep. do fasc. 1-2 do vol. XXXVIII da «Revista de Guimarães». 15 págs. Guimarães, 1928.

Neste brilhante artigo o sr. Cap. Mário Cardoso, que conhece como ninguém a Citânia de Briteiros, estuda as funções dos aglomerados primitivos como introdução a um documentado estudo sobre a obscura etimologia de *Citânia*, donde se conclui a actualidade destas palavras de Adolfo Coelho: *Citânia fica ainda um enigma*.

Contudo, além doutras hipóteses, este filósofo e o prof. Leite de Vasconcelos aventaram a derivação de *civitas*, pela forma intermédia *civitania*, à qual talvez possã servir de justificação a existência em Trás-os-Montes de lugares com o nome de *Cidadonha* ou *Cigadonha*, que nela parecem filiados.

R. S. P.

**ALFREDO DIAS PINHEIRO — Os celtas e povos com êles relacionados** — 484 págs. Guimarães, 1928.

Este livro é uma compilação confusa duma bibliografia antiquada e heterogénea (por ex.: F. Mendes Pinto; Bibl. do Povo e das Escolas; Apólogos de Coelho Neto), não merecendo uma citação os trabalhos basilares de A. Bertrand, Bosch Gimpera (*Los celtas*, 1921, etc.), Déchelette, H. Hubert, Loth, Obermaier e Schulten, entre outros. Notam-se além disso inexactidões facilmente evitáveis, devidas talvez ao A. não ter podido «trabalhar com o método preciso» (p. XIV), *v. g.*, os dolmens atribuídos ao neolítico, aos druídas e aos celtas (págs. 250, 319, 373); cerâmica no paleolítico! (p. 321), etc.

Estranhamos a afirmação de que: «Em português pouco há, para não dizer que nada há, que interesse muito ao caso. Por isso este livro vem, até certo ponto, preencher uma lacuna» (p. VII), esquecendo assim os trabalhos de M. Sarmiento, J. Leite de Vasconcelos, Felix Pereira e Mendes Corrêa, nem todos citados no texto e por vezes em questões secundárias.

R. S. P.

**ADOLF SCHULTEN — Cauca (Coca) una ciudad de los celtiberos** — «Universidade Popular Segoviana», 13 págs. e 4 figs. inums. Segovia, 1928.

Este curioso artigo entra na valiosa série de mais de vinte estudos do autor sobre antigas cidades da Península (Cf. *Adolf Schulten und seine Forschungen in Spanien*. Sond. aus Grosse, Deutsche Altertumsforschung in Spanien. Bamberg, 1929).

Da antiga *Cauca*, mencionada nos textos a partir do séc. II a. C., encontram-se raros vestígios de muralhas, moedas, cerâmica, e dois «toros» ou «cerdos» que se conservam na Praça de Coca.

Com os seus profundos conhecimentos, o prof. Schulten descreve as campanhas de Lúculo e Scipião, os achados arqueológicos dos arredores e por último as ruínas do castelo dos Fonsecas (séc. XV).

R. S. P.

JOSÉ DE PINHO — *A ara de Marecos* — Sep. de «Penha-Fidelis». 30 págs. e 2 figs. Penafiel, 1928.

Leitura e interpretação da inscrição duma ara que serviu de pia de água-benta na capela da *Senhora do Desterro*, de Marecos (Penafiel).

A inscrição, que é muito longa e se reparte por três faces da ara, contém uma dedicatória à deusa indígena *Nabicca*, propondo o sr. J. P. a restituição de algumas letras e desdobramento de siglas duvidosas.

O A. estuda ainda as qualidades da deusa, o santuário e o culto em face da crítica da epígrafe, parecendo-nos um pouco ousada a sua afirmação de que «jamais admiti que a cultura céltica tivesse no Entre-Douro e Minho apreciável influência».

R. S. P.

BARBOSA SUEIRO — *Note sur l'hyperextension et l'hypo-extension du coude chez d'autres Mammifères que l'Homme* — «Arquivos de Anatomia e Antropologia», vol. XII, 4 págs. Lisboa, 1928.

Nesta nota o A. apresenta os resultados das investigações sistemáticas realizadas em 85 esqueletos de Mamíferos, no que respeita ao ângulo formado pelo eixo do cúbito com a flexa prolongada da chanfradura sigmoideia ao osso. A hiperextensão bastante rara apenas foi observada no elefante, no orangotango e no chimpanzé; em todos os outros se verificava a hipo-extensão. Conclui o A. que não há relações etiológicas entre a hiperextensão do cotovelo dos Mamíferos e a existência da perfuração olecraniana, e que a hiperextensão e hipoextensão de articulação do cotovelo dos animais resultam não só da conformação óssea das duas superfícies articulares, mas também do desvio para diante ou para trás das superfícies articulares do humero. Conclui também que o ângulo mencionado é o melhor elemento para conhecer o grau de extensibilidade da articulação do cotovelo.

SANTOS JÚNIOR.

BARBOSA SUEIRO — *Note sur l'hyperextension et l'hypo-extension du coude humain* — «Arquivos de Anatomia e Antropologia», vol. XII, 4 págs. Lisboa, 1928.

O sr. dr. Sueiro nega à presença do buraco olecraniano correlação com a hiperextensibilidade do antebraço sobre o braço, conclusão a que chegou num trabalho anterior, atribuindo este facto que alguns autores explicam como consequência da pequenez do bico do olecrânio, a causas várias, às quais não são estranhas as relações entre os eixos do braço e do antebraço, a conformação das superfícies articulares do cotovelo e o estado dos ligamentos articulares e músculos motores da articulação. Nesta ordem de ideias estabelece a relação da direcção da chanfradura do cúbito com o eixo deste osso, medindo o ângulo formado pelo eixo com a flexa prolongada da chanfradura sigmoideia.

Este ângulo é, segundo o A., o melhor elemento para conhecer a extensão do antebraço sobre o braço, apesar de elemento falível, pois que, para os valores desse ângulo compreendidos entre 115° e 120°, tanto pode tratar-se dum cotovelo normal como dum caso de hipo-extensibilidade. Este facto filia-o no carácter anatómico do desvio para diante, mais ou menos acentuado, das superfícies articulares do humero.

Várias são, pois, as causas aduzidas para a explicação das variações na mecânica articular do cotovelo, e parece à primeira vista estranha a afirmação de que a hiperextensão do cotovelo humano não tem relações etiológicas com a perfuração olecraniana. E tanto mais que não repugna acreditar que a presença do buraco olecraniano, embora quasi sempre fechado por uma lâmina fibrosa, alguma coisa deve concorrer, pelo menos em alguns casos, para o exagêro do movimento de extensão do braço. O grau de extensibilidade dum braço, conservando-se constante o tamanho do olecrânio, será certamente aumentado desde que a lâmina óssea que separa as duas fossetas olecraniana e coronoideia, seja substituída por uma membrana, embora de natureza fibrosa e pouco extensível.

Contudo as conclusões dum trabalho anterior levaram o sr. dr. Sueiro a negar ao buraco olecraniano este papel.

Nos movimentos da articulação do cotovelo interveem indubitavelmente os factores enunciados pelo A., em graus por certo diversos, mas, conquanto por si só o buraco olecraniano não baste para nos explicar a hiperextensibilidade, deverá talvez, pelo menos em alguns casos, ser tido como um elemento acessório que pode contribuir para um certo grau de extensibilidade.

S. J.

G. E. GENNA — *La posizione degli assi dei piani trasversi dell'arto inferiore nell'Uomo e negli Antropoidi* — «*Rivista di Antropologia*», vol. XXVII. Roma, 1927.

Quási sempre se teem estudado, no seu significado funcional, os caracteres morfométricos de cada um dos ossos dos membros inferiores, em vez de se apreciarem as diferenças de conjunto do esqueleto d'esses membros. O autor, abandonando a interpretação morfofisiológica feita isoladamente carácter por carácter, ôsso por ôsso — interpretação, a seu ver, insuficiente e errada —, examina o esqueleto inteiro dos membros inferiores, confrontando especialmente as variações dos ângulos formados entre si pelos eixos dos diferentes ossos, desenvolvidos num dos três planos fundamentais, o transversal. Estuda também a razão mecânica que regula a posição recíproca dos vários elementos do membro no plano referido.

O dr. Genna sucessivamente considera as relações angulares dos eixos para cada ôsso, para todo o esqueleto do membro, e em relação ao corpo inteiro.

Alguns eixos tendem a apresentar a mesma posição nos antropóides e no homem, como o eixo do colo femoral e os do calcâneo e 4 últimos metatarsianos, mas outros, como o do joelho e os das articulações astragálicas, do tarso anterior e do 1.º metatarsiano, tendem a posições diferentes. A diferença no joelho é em sentido contrário das outras.

Segundo Genna, ao passo que as duas extremidades superior e inferior do membro mostram obedecer a uma mesma necessidade mecânica quer no homem quer nos antropóides, os eixos intermédios do membro comportam-se em relação com a função diversa dêste e conforme o modo de vida do animal.

É de grande interêsse antropozoológico e fisiológico êste estudo que sái do Instituto de Antropologia de Roma, proficiente-mente dirigido pelo ilustre professor Sergio Sergi.

M. C.

GIUSEPPE SERGI — *Gli indigeni americani (Ricerche antropologiche)* — I vol. de 262 págs., 79 figs. e 25 estampas fora do texto. Roma, 1928.

O venerando antropólogo italiano, prof. G. Sergi, continua, com a mais perfeita juventude de espírito, a acrescentar novos trabalhos de valor à lista magnífica de publicações que, com uma

admirável intensidade de produção científica, tem dado à estampa na sua longa e gloriosa carreira de investigador.

O volume que temos diante de nós é o desenvolvimento de estudos já esboçados noutras oportunidades, especialmente no Congresso de Americanistas de Roma, em 1926. O prof. Sergi começa por aludir aos seus anteriores trabalhos antropológicos sôbre Foguinos e Esquimós e ao seu estudo do crânio americano em geral, que encontramos exposto, por exemplo, no seu livro bem conhecido *L'Uomo*.

Em seguida, apresenta novas observações, quási tôdas de morfologia craniana, que o conduzem a crer que o *Paleoanthropus rhodesiensis* (Broken-Hill) teria originado dum lado o ramo pacífico *tasmânio* e doutro o *Hesperanthropus*, um e outro caracterizados sobretudo por uma particularidade morfológica, a eminência ou crista sagital do crânio, que o A. designa por *lofo*. A antiguidade do *Hesperanthropus* seria muito grande e a penetração dêsse ramo do tipo africano de Broken-Hill na América ter-se-ia feito por via ocidental, atlântica. Outros elementos terão colaborado na etnogenia americana, como Negritos, Melanésios, alguns tipos asiáticos ainda mal determinados.

O prof. Sergi diverge de Hrdlicka quanto às opiniões do ilustre antropólogo de Washington da ausência do homem fóssil na América e da unidade antropológica e origem mongólica dos indígenas americanos. «Il Dr. Hrdlicka — escreve, por exemplo, quanto à primeira tese — ha sempre giudicato che gli scheletri in qualunque modo scoperti abbiano i caratteri degli indigeni viventi e quindi sono recenti; può egli avere giudicato esattamente, ma se si ammette, come io credo, che i recenti indigeni americani siano i discendenti degli antichi, essi devono avere gli stessi caratteri di quelli dai quali derivano». Há, de facto, uma petição de princípio na opinião de Hrdlicka.

Quanto ao parecer dêste relativamente à origem asiática dos Americanos, escreve Sergi: «Io non posso che confermare l'affermazione di Ehrenreich sul non-mongolismo dei Botocudi secondo gli esemplari che ho in mano... Io affermo che l'Asia ha dato il suo contingente alle popolazioni indigene americane, ma bisogna stabilirlo con dimostrazioni evidenti che finora non si sono date. Io stesso vedo, ne son convinto, che molti elementi sono d'origine asiatica, soprattutto quelli di tipo brachicefalo; ma di qual parte d'Asia, di quale ramo asiatico esistente non è facile scoprire;... la prova offerta da Hrdlicka di aver trovato nelle popolazioni mongoliche elementi di tipo americano, è molto superficiale, per non dire che non ha valore alcuno, quella di altri è fantastica».

Como dissemos, a afinidade do ramo ou ramos americanos

com o Paleantropo da Rodésia e com alguns ramos do Pacífico, Tasmanianos, Australianos, Moriori, é baseada sobretudo no *lofo*, mas Sergi cita outros caracteres comuns do crânio e da face, como: o grande desenvolvimento ósseo, a forma geral e característica da curva fronto-occipital; o nariz na sua raiz com sulco profundo e ossos nasais pouco salientes e geralmente pequenos; face grande e larga nos malares e nos arcos zigomáticos, mas sem forte saliência da linha esfenognática. Porém alguns destes caracteres são pouco marcados.

Algumas diferenças morfológicas, sobretudo da morfologia externa (forma dos cabelos, côr, etc.), explica-as o autor por influências mesológicas ou por cruzamentos.

Nas últimas páginas do seu livro o prof. Sergi procura relacionar algumas culturas americanas antigas, como as dos *Basket-Maker* e dos *Cliff-Dweller*, do Arizona e do novo México, com as raças. Ainda, a propósito, diverge de Hrdlicka, que, procurando determinar, por exemplo, os autores da civilização peruviana, traduziu os elementos raciais do Perú apenas nos termos de braqui e dolicocefalos, e tudo isso é demasiado vago e até, acrescenta Sergi, inexacto.

O volume do sábio italiano é notavelmente documentado e rico em factos e em pontos de vista originaes. Algumas das suas críticas são, a nosso ver, justas. Mas julgamos que uma particularidade, embora importante, de morfologia craniana não basta para erigir, sem um pecúlio simultâneo doutros caracteres antropológicos dessa e doutras regiões, e não apenas esqueléticos, um edificio scientifico como aquele que o eminente professor italiano confiadamente construiu sobre a origem dos Americanos.

Sou um pouco scéptico sobre a certeza de tais demonstrações, mormente atendendo à dificuldade que há em distinguir os caracteres primordiais das raças dos resultantes de adaptações accidentais. É por este motivo que há vantagem em substituir, tanto quanto possível, para tais construções, os caracteres isolados por associações de caracteres, principio fundamental duma boa taxinomia.

Aos exageros métricos contrapôs Sergi preferências cranialógicas descritivas que sem dúvida merecem atento exame e séria ponderação mas que não devem converter-se em exclusivismos nem dispensam uma crítica do valor diferencial de cada carácter utilizado. As amplas oscilações, a incerteza de limites, a diagnose vaga, dalguns tipos estabelecidos na classificação de Sergi, mostram os perigos dum método, que, dentro de certa medida, encerra aliás também grandes vantagens.

Apesar destas objecções, *Gl'Indigeni Americani* constitui um

dos mais importantes e documentados estudos que teem sido publicados a tal respeito. Apresentamos ao seu ilustre autor as homenagens da nossa admiração e do nosso respeito.

M. C.

H. LUNDBORG — *Rassenkunde des Schwedischen Volkes* — I vol. em grande formato, de 160 págs., 3 retratos, 15 cartas, 8 diagramas e 51 estampas fora do texto. Iena, 1928.

Já nesta revista enaltecemos merecidamente a admirável publicação *The racial characters of the swedish nation (Anthropologia suécica)* que, sob a direcção do prof. H. Lundborg e do dr. F. J. Linders, foi dada à estampa há poucos anos pelo Instituto sueco de Biologia da Raça. Mas este Instituto, e particularmente o seu eminente director, o prof. Lundborg, não esmorecem da sua notável actividade. Temos presente, em edição da casa Gustav Fischer, de Iena, um novo volume, em proporções menos grandiosas do que o anterior, mas inegavelmente de grande importância scientifica e ainda de magnifico aspecto material.

A *Rassenkunde des schwedischen Volkes*, depois duma introdução sobre as bases da Antropologia, as raças da Europa, a demografia da Suécia e a história da Antropologia — e em especial do Instituto de Biologia das Raças — naquele país, insere ainda diferentes estudos sobre questões importantes como o berço dos Indogermanos (por G. Ekholm), a paleogeografia e a prehistória da Suécia (por H. Larsen), o problema dos braquicefalos louros, a questão das relações da raça de Dalarne ou «Dal-Rasse» com o Cro-Magnon, etc. Suscitam especial interesse o trabalho de Larsen e o estudo sobre a «Dal-Rasse», a respeito da qual tão diferentes opiniões teem sido emitidas, sendo a de Lundborg de que se trata duma variação dentro da raça nórdica, podendo aqui e ali ter-se dado uma mistura da raça nórdica com as raças de crânio curto, como a raça báltica oriental.

O pecúlio de observações sobre que assenta essencialmente o presente volume é deveras importante: 47.387 soldados entre 20 e 22 anos. As investigações foram feitas por assistentes do Instituto, sobretudo pelo dr. W. Krauss, sendo expostos em detalhe as observações realizadas, os métodos usados, a distribuição geográfica dos observados, os resultados estatísticos relativos aos diferentes caracteres. Comparações com outras séries e com outros povos são muito elucidativas. Alguns gráficos mostram a variação dos caracteres. Também se procuram algumas correlações.

Nas suas conclusões gerais, o prof. Lundborg afirma ter encontrado seis grupos, os tipos *uberwiegend nórdicos*, os tipos bálticos orientais, os tipos mixtos loiros, os mixtos de pigmentação média, os mixtos escuros, e os tipos propriamente escuros. As maiores proporções pertencem ao 1.º, 3.º e 4.º grupos, a menor ao último grupo. A frequência de cores menos claras acentua-se de sul para norte.

Boa bibliografia e uma bela documentação fotográfica completam este volume que honra não apenas o seu autor e o Instituto que o promoveu, mas a cultura sueca.

M. C.

DR. FRHR. VON EICKSTEDT — *Die Negritos und das Negrito-problem* — Extr. do «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. IV, Heft IV, 1927.

O autor começa por delimitar as regiões ocupadas pelos Negritos, expondo, em seguida, as investigações antropológicas feitas sobre este grupo étnico e as controvérsias a respeito dos problemas dos Negritos. Trata depois de fixar a posição destes relativamente aos outros agrupamentos humanos. Para isso divide a humanidade em três raças (branca, negra e mongol) e cada uma destas em sub-raças (respectivamente, polinésia, melanésia e americana), formas especiais (vedas, pigmeus, árticos) e formas intermediárias (australianos, boschimanos, ainos).

A forma especial dos pigmeus é dividida em três variedades (pigmeus africanos, tipo melanésio papuano e os negritos no sentido lato). Da variedade negritos tira o autor três formas locais, andamanos, semang e negritos no sentido restricto.

É um novo aspecto do problema dos Negritos que bastante concorre para a sua elucidação.

A. ATHAYDE.

GERTRUD GRUETZNER — *Koerperwachstum und Koerperproportionen 15-19 jaehrigen Schweizerinnen* — Dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de Zuerich. 1928.

A autora observou 225 raparigas suíças entre os 15 e os 19 anos, que dividiu em 4 grupos por idades, tomando 32 medidas segundo a técnica indicada por Martin no *Lehrbuch der Anthropo-*

*logie*, e calculando 48 índices, bem como médias, desvios padrões, erros prováveis das médias e ainda 22 coeficientes de correlação.

Dos resultados tirou, entre outras, as seguintes conclusões: Estatura, I grupo 1597<sup>mm</sup>,7; II grupo 1598<sup>mm</sup>,5; III grupo 1625<sup>mm</sup>,3; IV grupo 1614<sup>mm</sup>,0. No III grupo encontram-se casualmente alguns indivíduos de estatura elevada que fizeram subir a média. A envergadura é maior do que a estatura, mas menor do que as observadas noutros países. A largura biacromial, relativamente à estatura, é pequena; e a largura da bacia é de cerca de  $\frac{4}{5}$  da biacromial. O crescimento da caixa craniana parece estar terminado numa idade depois da qual a face ainda aumenta. Índice cefálico 82,5 (63 % dos indivíduos eram braqui e hiperbraquicéfalos).

Os caracteres que apresentam maiores coeficientes de correlação com a estatura, são: a altura do umbigo (+0,9198), a altura da sínfise (+0,8522), comprimento dos membros superiores (+0,8504) e o dos inferiores (+0,8525). Das medidas faciais apresentam maior correlação a altura facial e a nasal (+0,5258).

Repartindo os indivíduos por três classes sociais, notou o A. algumas diferenças, principalmente nos perímetros e no péso.

Por este pequeno resumo se vê a minúcia e o cuidado com que este trabalho foi elaborado, pelo que não podemos de deixar de felicitar a autora e o prof. Schlaginhaufen, director do Instituto de Antropologia de Zuerich.

A. A.

HERMAN TEN KATE — *Osservazioni sulle macchie turchine congenite nei ragazzi tunisini ed algerini* — Extr. da «*Rivista di Antropologia*», vol. XXVIII, Roma, 1927.

Já noutros trabalhos o eminente antropólogo holandês se ocupou das manchas azuis congénitas, erroneamente chamadas mongólicas, em diferentes populações, dando conta dos seus importantes resultados pessoais. No presente estudo, fornece uma síntese das investigações a que sobre o assunto procedeu em crianças argelinas e tunisianas, durante as suas longas estadas no norte de África. Alude também a observações feitas ali por outros investigadores, englobando todos os resultados para o cálculo das percentagens do interessante carácter.

Depois de expôr os números obtidos, refere-se à frequência da mancha azul congénita noutras populações e mostra que o facto dela aparecer em 99 % dos recém-nascidos japoneses não justifica de modo algum que ela seja chamada «mancha mongólica».

Eis as conclusões principais que provisoriamente o A. extrai da sua explanação proficiente:

1.º—A mancha azul congénita é uma *isospiloforia histológica das raças pigmentadas*;

2.º—Ela encontra-se em proporções desiguais em todos os grupos étnicos dos países mediterrâneos que pertencem à raça mediterrânea (Sergi, Deniker) e à raça ibero-insular de Deniker;

3.º—As raças alpina e dinárica de Deniker teem igualmente uma proporção de indivíduos que apresentam essa mancha;

4.º—A mancha constitui macroscopicamente um carácter distintivo entre as raças negras e morenas e a raça loira de olhos claros;

5.º—Definitivamente poderão dividir-se as raças em *espilóforas* e *aspilóforas*, segundo apresentam ou não a mancha.

Num interessantíssimo apêndice o dr. ten Kate trata a questão sob o aspecto etnográfico e folklorístico, citando os nomes e as interpretações populares dadas em várias regiões à mancha azul congénita e as superstições com ela relacionadas. Na Berberia e na Guiana prevalece a explicação por uma causa natural ou fisiológica; na China, em Java, na Costa Rica, etc., admite-se, de preferência, uma causa sobrenatural.

Para os confrontos dos resultados a extrair duma série de observações que tem sido feitas, por nossa iniciativa, na clínica obstétrica do prof. Morais Frias do Hospital da Misericórdia do Pôrto, pelos drs. Aloísio Coelho e Gonçalves de Azevedo (filho), e que abrangem já mais de 1.000 recém-nascidos, não podem ser postergados os elementos fornecidos pelos trabalhos do dr. H. ten Kate, cujas qualidades de observação, crítica e saber estão já assinaladas numa notável e variada bibliografia antropológica, que assenta sobre investigações por êle realizadas em diversas regiões do globo.

M. C.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORRÊA — *Les Lusos-Descendants de l'Inde Portugaise (Étude anthropologique)* — 130 págs. Bastorá, 1928.

O sr. dr. Alberto Germano da Silva Corrêa, tenente-coronel médico e professor da Escola Médica de Nova Goa, tomou, a convite do Instituto Internacional de Antropologia de que é membro titular, o encargo de fazer o estudo antropométrico dos indígenas, mestiços e populações brancas da Índia Portuguesa e prin-

cipalmente de Nova Goa, onde os diferentes grupos étnicos vivem lado a lado sem se confundirem por cruzamentos.

O excelente trabalho que analizamos, é o primeiro da série que o A. se propõe publicar, desbravando tão curioso como importante assunto. Ainda bem que ao prof. Germano Corrêa sobejam qualidades para o bom desempenho da tarefa que a si mesmo talhou, como se conclui da leitura do seu estudo sobre os luso-descendentes.

Os luso-descendentes ou sejam os descendentes dos portugueses europeus, nascidos em Goa, Damão e Diu, na sua maioria ainda não cruzados com os indianos, foram estudados numa série de 100 indivíduos, número bastante para avaliarmos dos caracteres étnicos dum agregado populacional que orça por cerca de 1:500 indivíduos dos dois sexos, com um ligeiro predomínio do feminino.

O A. reparte o seu trabalho pelos seguintes capítulos: Introdução; História; Fisiografia e Climatologia; Nosografia; Demografia; Morfologia; Antropometria; Etnografia; Resumo e conclusões.

É feito debaixo destes diferentes pontos de vista um estudo consciencioso e pormenorizado, tendo como era natural particular desenvolvimento o capítulo que se refere à antropometria. Nêle se registam os resultados da observação dos 100 indivíduos, seguindo os métodos preconizados pelos congressos de Mônaco (1906), Genebra (1912) e Liège (1921). Dá-nos o A. as médias, máximos e mínimos das medidas feitas, não só da face e crâneo, mas também do pescoço, tronco e membros, e numerosas são elas, permitindo estabelecer um grande número de índices, que, como aquelas medidas, êle vai comparando a par e passo com os valores determinados por vários antropologistas que teem feito estudos semelhantes nas diferentes províncias de Portugal. Com os elementos obtidos, se estabelecem por último as conclusões seguintes:

Os luso-descendentes são de nutrição média, relativamente fortes, pele dum branco pálido, cabelos e olhos castanhos, estatura superior à média, mesatisquélícos, dolicocefalos, ortocéfalos (pelos ind. vértico-longo e vértico-transverso), metriométricos, medianamente frontalizados (pelo ind. fronto-zigomático), com módulo de Schmidt de valor médio, leptoprósopos, leptorríneos e meso-otólícos.

Em face destes atributos étnicos, escreve: «De tout ce qui je viens de noter précisément, sous tous les aspects anthropologiques, on peut parfaitement conclure, que les luso-descendants de l'Inde Portugaise présentent le type morphologique tout-à-fait semblable, ou même presque égal à celui des Portugais Européens».

Afirma o A. que aos luso-descendentes está reservado um futuro de acentuado e contínuo progresso, para o qual são garantia os caracteres étnicos aludidos, que não são certamente os duma raça em via de extinção.

S. J.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORRÊA — *Les Ranes de Satary* (Étude anthropométrique) — Mémoire présenté au « Congrès International de Médecine Tropicale et d'Hygiène du Caire ». 72 págs. Bastorá, 1928.

Neste trabalho o prof. Germano da Silva Corrêa dá-nos os resultados do estudo feito sobre os Ranas de Satary, pequeno agregado populacional em via de extinção, formado pelos representantes dos antigos nobres Radjpouts, de quem descendem em linha recta. Compreende o estudo os seguintes capítulos: Introdução; História; Fisiografia e climatologia de Satary; Demografia; Morfologia; Antropometria; Resumo e conclusões.

Trata-se de 25 Ranas, número sobre o qual se podem elaborar conclusões apreciáveis, visto que o número de Ranas puros de Goa não deve ir além de 300 indivíduos de ambos os sexos. Estes Ranas, descendentes dos Radjpouts, a mais perfeita das raças que povoam o Indústão, são actualmente pouco numerosos em Goa, devido a causas várias, e entre elas, às deportações sucessivas em consequência das rebeliões por elles fomentadas. Basta lembrar que no século passado por oito vezes se revoltaram contra a suzerania do governo português.

Este trabalho foi elaborado dentro dos moldes que serviram para o estudo dos luso-descendentes, de modo que as nossas considerações acerca deste último, no que respeita a mensurações e elaboração do quadro dos respectivos índices, poderiam repetir-se aqui.

O tipo médio dos Ranas pode estabelecer-se em face das observações do prof. Alberto Germano Corrêa como sendo de nutrição média e relativamente forte, pele moreno-clara, cabelos castanhos, olhos em *noisette*, estatura superior à média, envergadura quasi normal (comparada com a média das raças caucasóides asiáticas), mesatisquélicos com tendência para a macrosquelia, sub-dolicocéfalos, hipsicéfalos (pelos índices vert. longo e vert. transversal), módulo de Schmidt relativamente elevado, sub-leptoprosopos, leptorríneos e meso-otólicos.

Como conclusão, o dr. Germano Corrêa escreve: « De tout ce que je viens de dire, on peut facilement conclure que les Ranes

goanais présentent, dans leur majorité un type anthropologique intermédiaire entre le type radjpout proprement dit et celui que caractérise la plupart des mahrattas goanais; les ranes ayant le type radjpout pur sont relativement rares ».

S. J.

VOICUNTA CAMOTIM — *Os Bramanes Sarasvatas de Gôa* (Estudo antro-po-social) — 64 págs. Gôa, 1929.

Tese inaugural apresentada à Escola Médica de Nova Gôa e elaborada sobre as mensurações antropológicas de 100 indivíduos da casta Bramane Sarasvata. Trabalho sugerido pelo ilustre antropologista sr. prof. dr. Germano Corrêa, que concorre deste modo, como com os seus numerosos trabalhos pessoais, para o conhecimento da população hindustânica.

Começa o estudo pelo capítulo de história e etnografia em que se fazem considerações sobre a origem dos Sarasvatas e da fragmentação destes em sub-castas, citando-se a propósito curiosas lendas; trata-se igualmente da alimentação, sob o ponto de vista religioso. Termina este capítulo por uma explanação sobre o casamento e sobre a vida profissional e intelectual entre os Bramanes Sarasvatas.

Vem a seguir o capítulo da Antropometria, o mais vasto, no qual, depois duma ligeira exposição prévia sobre a antropometria através do tempo e seu valor, se nos dá conta das observações respeitantes à estatura, peso, dinamometria, grande envergadura, ind. crucial, ind. crural, ind. cefálico horizontal, ind. vértico-longo, ind. vértico-transverso, módulo de Schmidt, largura bucal, ind. fronto-parietal, ind. fronto-zigomático, ind. crânio-facial n.º 1, ind. crânio-facial n.º 2, ind. gónio-zigomático, ind. facial total, ind. otólico, ind. nasal, etc. Figuram as médias, máximos e mínimos, das diferentes medidas. Conclui a parte antropométrica pela seriação, máximo, média e mínimo de 18 medidas feitas no tronco e membros.

O último capítulo trata da etnologia: o A. enumera os 7 grupos e respectivos caracteres étnicos, que Risley estabeleceu nos povos da Índia, pondo a seguir o problema: em qual dos grupos de Risley se poderão incluir os Bramanes Sarasvatas? Filia-os no grupo scito-drávida. Preguntando se a designação scito-drávida será própria, entra em considerações várias sobre as origens ariana e scítica, terminando por afirmar: « Considerada sob todos os pontos de vista, portanto, a origem scítica dos povos da

Índia ocidental nas suas castas e graus elevados é insustentável. As classes mais baixas, dolicocefalas e platirrinias, são certamente dravídicas. A braquicefalia das castas mais elevadas não se pode considerar como indicativa da origem scítica, porque a sua leptorínia e a sua manifesta proopia negam a possibilidade de origem scítica ou mongólica».

Valorizaria mais este trabalho a inclusão de caracteres descritivos, que, embora por vezes de apreciação difícil, porquanto tem de admitir-se um coeficiente pessoal na aplicação das nomenclaturas, não deixam de ter interesse no estabelecimento dos caracteres étnicos. Igualmente concorreria para valorizar este estudo uma apreciação matemática dos resultados obtidos, pois que o conhecimento do máximo e mínimo duma série não basta para nos dar ideia da variabilidade dum carácter.

O A. poderia ter determinado o desvio padrão e com este elemento calcular o erro provável da média. Bibliografia e um quadro das mensurações fazem igualmente falta.

Este trabalho representa, porém, um esforço louvável feito pelo seu autor, que assim concorre, como Sarasvata que é, para dar à sua casta o devido lugar no emaranhado étnico daquelas regiões indianas.

S. J.

P. GUGLIELMO JAZZETTA—*Sullo scheletro dell'arto superiore dei Fuegini*—Extr. de «Atti del XXII Congr. Intern. degli Americanisti». Roma, 1928.

O estudo detalhado de 14 esqueletos de Foguinos, existentes no Instituto de Antropologia da Universidade de Roma, conduziu o autor a numerosas conclusões que o levam a atribuir aos Foguinos muitos caracteres próprios, interessantes sob o ponto de vista étnico.

Assim, por exemplo, estes esqueletos mostram um grande desenvolvimento do diâmetro transversal da cabeça humeral, uma torsão humeral vizinha da dos australianos, uma cúpula olecrânica mais alta do que a de qualquer outro grupo étnico, olecrânio mais profundo do que largo, notável diferença sexual do índice rádio-humeral, etc.

M. C.

PROF. C. G. SELIGMAN—*Some little-known tribes of the Southern Sudan (Presidential Address)*—«Journal of Anthropological Institute», vol. IV. January-June, 1925.

Estudo antropológico e étnico das tribus dos Acholi, Lotuko, Madi, etc., que habitam na margem oriental do Nilo Branco, perto dos Dinka.

Apresenta um bem elaborado quadro das principais medidas antropométricas calculadas: estatura e medidas cefálicas. Graças a este quadro, redigido de forma a permitir a comparação dos resultados obtidos com os das tribus vizinhas, chega o A. à conclusão de que um pouco a S. da região dos Dinka, os povos que habitam as margens ocidentais do Nilo Branco tornam-se mesaticéfalos, ao passo que na margem oriental o índice cefálico cresce até ao S. do Bari, predominando a mesaticefalia no Bahr-el-Ghazal. Uma zona de árabes nómadas separa estes mesaticéfalos dos núbios mesaticéfalos do Kordofan do Sul. Tanto os núbios como os braquicéfalos meridionais usam pedras-de-chuva.

Os braquicéfalos meridionais deslocaram-se de ocidente para oriente, mas na região onde habitam as tribus falando os dialectos Bari, esse movimento foi contrariado pelo dos povos falando os dialectos Masai, cuja influência ainda é mais nítida na própria região Bari e Lotuko, que se encontra a oriente, onde o índice cefálico se mantém na dolicocefalia, posto que estas tribus usem ainda as pedras-de-chuva dos seus vizinhos ocidentais.

Tomando as pedras-de-chuva e a linguagem como guias é possível reconstituir a história dos Acholi e provavelmente de algumas tribus falando os dialectos Shilluk. As tribus Bari e Lotuko diferem ainda quanto à sua organização, apresentando as primeiras uma organização de *clan* exogâmico, enquanto que a organização das outras, mantendo o princípio da exogamia, é fundada no *clan* totémico.

Os ritos fúnebres, os usos e costumes são também cuidadosamente descritos como o emprego do «nametere», do «nelanga», do «joktuel», etc.

Este trabalho, notável pelo método claro e preciso com que está feito, é ornado com belas fotografuras e alguns mapas, além de vários desenhos esquemáticos.

H. PINTO LIMA.

V. SUK — Health status of students after physical training and after brain work — «Anthropologie», VII. Prague, 1929.

O ilustre professor da Universidade Masaryk, de Brünn, tem-se consagrado a importantes investigações sobre as conseqüências do exercício físico e do trabalho mental sobre o organismo humano. Assim, já em 1925 apresentou à Academia das Ciências da Boémia um estudo sobre as relações da quantidade de açúcar no sangue com as duas formas da actividade. A presente memória, que foi publicada no volume da *Anthropologie*, de Praga, consagrado ao dr. Ales Hrdlicka, tem muito maior amplitude do que o trabalho anterior.

O prof. V. Suk examinou dezenas de estudantes de cursos superiores, antes e depois de treinos físicos de verão e antes e depois de períodos de intenso e exclusivo trabalho cerebral. Aprecia em detalhe os resultados das suas observações relativamente ao pêso do corpo, circunferência do braço, cintura, perímetro torácico mamilar à inspiração e à expiração, pressão dinamométrica, respirações, pressão sanguínea, pulso, quantidade de açúcar no sangue e número de eritrócitos. As conclusões são interessantíssimas, embora já fôsem presumíveis à face doutras constatações. Evidencia-se que o trabalho mental afecta o organismo não só relativamente às actividades nervosas reguladoras das funções do corpo, mas também quanto ao metabolismo dêste, dum modo diverso do trabalho físico, e há casos em que se mostra nitidamente a influência do psiquismo na actividade física. Por outro lado, parece legítimo asseverar que a fadiga e o exaurimento mentais são, *pelo menos*, tão pesados como a fadiga e o exaurimento do trabalhador manual.

Entre os resultados de detalhe, mencionaremos o facto da percentagem de açúcar diminuir consideravelmente com o trabalho mental ficando quasi a mesma com o exercício físico, e ainda a superioridade da média dinamométrica dos melhores alunos sobre a dos piores.

Quinze tabelas, vários gráficos, algumas fotografias e uma lista bibliográfica acompanham este valioso estudo.

M. C.

PROF. ALFREDO NICEFORO — La Statistica sanitaria demografica del cancro en Italia — Milão, 1928.

O ilustre professor da Universidade de Nápoles tem o condão de dar à estatística uma tal amenidade, que é com agrado e grande

interêsse que se percorrem as páginas de todos os seus trabalhos.

Lamentamos não poder dar uma notícia detalhada das conclusões, tiradas pelo prof. Niceforo, dos diferentes tratamentos estatísticos a que sujeitou as suas observações, como por exemplo: as que dizem respeito à mortalidade segundo a idade, sexo e estado civil, à maior ou menor probabilidade de morrer de cancro ou de tuberculose, aumento da mortalidade do cancro (o qual se dá em tôdas as idades), métodos para avaliar este aumento, geografia dos tumores malignos em Itália, relações entre cancro e raça, antecedentes pessoais dos mortos por tumores malignos, abuso da carne, alcool e tabaco, duração dos tumores desde o início à morte dos pacientes; intervenção cirúrgica e curas não cirúrgicas; frequência de metastases; tempo decorrido entre a intervenção cirúrgica e a metastase; questão de hereditariedade dos tumores malignos; etc., etc.

Como se vê, é um importante trabalho que não só auxilia os investigadores especializados na magna questão estatística e social do cancro, como interessa aos cirurgiões e aos clínicos em geral.

A. A.

R. OTERO PEDRAYO — Problemas de Xeografia Galega. Notas encol das formas de poboazon labrega — Pubricazons de «Seminario de Estudos Galegos». A Cruña, 1927.

Resposta ao questionário feito pelo Congresso Internacional de Geografia do Cairo de 1925. Divide-se este trabalho em duas partes: na primeira o A. reproduz o questionário e procura responder duma forma clara e precisa; na segunda procura aplicar os resultados à pequena «parroquia» de Trasalba.

Considera o A. como modo de habitação rural as diferentes formas de agrupamento dos homens que vivem predominantemente do trabalho directo do solo, e ainda das indústrias que dele derivam, como o fabrico do vinho, de laticínios, a cultura do linho, etc. Na primeira parte inclina-se o A. para um rígido determinismo geográfico e étnico, mas principalmente geográfico, ao afirmar que as condições naturais determinam a forma inicial da povoação, sendo o tipo concentrado característico das regiões de pouca água, dos terrenos fortemente arborizados ou sujeitos a inundações, etc. Considerando a «parroquia» galega, como a unidade geográfica antiga e vital, faz o A. a descrição da «parro-

quia» de Trasalba, estudando a sua posição geográfica, os tipos de casas, as construções anexas e os elementos artísticos.

Por esta descrição vemos que há muitos pontos de contacto entre as habitações rústicas galegas e as das nossas aldeias miñotas: casas rectangulares de pedra solta e telhado de duas águas, os cabaceiros, os cobertos, etc., o que torna esta pequena monografia um valioso auxiliar para as pessoas que se queiram dedicar ao estudo do assunto em Portugal.

H. P. L.

ALFREDO ELLIS JÚNIOR — Pedras lascadas — 1 vol. de 404 págs. S. Paulo, 1928.

Volume em que o autor reuniu, em miscelânea, numerosos ensaios e artigos seus a respeito de assuntos variados: questões militares e navais, antropologia, história geral e brasileira, problemas demográficos e sociais, questões económicas, etc. Os estudos sobre eugenia, migrações, paleo-antropologia, demografia e outros teem cabido registo numa revista da índole da nossa.

O autor mostra-se possuidor duma ampla informação bibliográfica, de distintas faculdades intelectuais e de apreciável visão crítica. É merecido o relêvo que dá nas suas páginas ao esforço científico de Roquette Pinto, Oliveira Vianna, Affonso d'E. Taunay, e outros ilustres investigadores da nação brasileira.

M. C.

S. FRÓES ABREU — Sambaquis de Imbituba e Laguna (Santa Catharina) — Sep. da «Rev. da Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro». Rio, 1929.

*Sambaquis* é, como se sabe, a designação indígena dos «Kiökkenmöddings» no Brasil. Em Santa Catarina chamam-se também *casqueiros*, na capitania de S. Paulo chamavam-lhe *ostreiros*. Já o padre Fernão Cardim se lhes referia, atribuindo-os aos Índios antigos. Em 1847, três dinamarqueses Forchhammer, Steenstrup e Worsaae procederam ao seu estudo. São bem conhecidas as explorações então feitas. As opiniões estiveram muito tempo divididas a respeito da origem dos *sambaquis*. Alguns consideravam estes como formações naturais, outros como acumulações artificiais de conchas, ossos, terra, carvões, objectos líticos, etc.

Segundo o sr. Fróes Abreu, que estudou vários sambaquis de Santa Catarina, há possivelmente «pseudo-sambaquis», montículos naturais, com muitas conchas. Mas os sambaquis propriamente ditos resultaram da acção e da presença do homem. Sem que admita uma *raça dos sambaquis*, o autor entende que os esqueletos nêles achados parecem mais modernos do que o homem de Lagoa Santa, mas não se trata duma conclusão segura por falta de elementos. No entanto, não há dúvida de que os *sambaquis* correspondem a uma população primitiva, sendo, porém, impossível estabelecer-lhe, por enquanto, uma cronologia segura.

O consciencioso trabalho do sr. Fróes Abreu é digno de interesse para todos aqueles que se consagram ao estudo das antiguidades americanas.

M. C.

MICHEL VULPESCO — Les coutumes roumaines périodiques — 1 vol. de 303 págs., ilustrado. Paris, 1927.

M. Vulpesco, prémio do Conservatório e laureado da *Schola Cantorum* de Paris, divulgador entusiasta e proficiente das canções populares romenas nos outros países, publicou um belo volume em que descreve numerosos costumes tradicionais dos camponeses da sua pátria, distribuindo-os pelas várias épocas do ano, fixando com precisão as localidades em que aparecem, e dando, de acôrdo com a sua predilecção artística, particular relêvo à letra e à música das canções executadas. Desenhos de Ionel Ionid, cheios de interesse, e outros, bem como algumas fotografias, acompanham o texto, recheado de factos e redigido numa linguagem sugestiva e singela.

Depois de descrever os costumes que teem uma data fixa, o autor consagra um extenso capítulo aos que a não teem, como a *Hora* (danças várias de roda), *Nunta* (o casamento), *Claca* (trabalho colectivo gratuitamente prestado ao padre ou a outras pessoas), etc.

O autor apresenta algumas considerações sobre a origem e a interpretação de vários costumes. Ligando estes em geral a factos religiosos, entende, porém, que eles não são devidos à influência *organizadora* da Igreja, como não resultam da inspiração dos trovadores. A necessidade de distracções e divertimentos no isolamento das aldeias os teria sugerido. Tal isolamento e os frios rudes do inverno teriam dificultado a sua propagação. A antiguidade dalguns costumes seria, segundo o autor, muito remota.

É interessante registar que, se a maioria dos factos expostos marca nítidas diferenças folclóricas entre os camponeses romenos e os ocidentais, há algumas analogias, como no *Ignatul* (matança do porco) e na forma geral dalguns dramas ou mistérios populares, dos *Irozii* (os Herodes), que lembram os nossos antigos autos.

Uma bela bibliografia completa o valioso trabalho, que é precedido dum prefácio justamente elogioso do notável folclorista, A. Van Gennep.

M. C.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — Vol. III, 176 págs. Vila-Nova de Famalicão, 1929.

Os *Trabalhos* apreciaram já os outros volumes da obra do sr. L. D. (vol. III, págs. 275 e 375), apresentando êste o sub-título do primeiro: «Lendas. Costumes. Tradições. Crenças. Superstições».

Chega-se com agrado ao último capítulo pela elegância da redacção, que por vezes mesmo prejudica o valor da colectânea por lhe tirar o sabor popular, sentindo-se ainda a falta de bibliografia.

Por se tratar duma região raiana são curiosas as lendas de fundo patriótico, como as do cêrco de Monsanto, Senhora do Almurtão, Malpica e Senhora do Bom Sucesso. A primeira conheciamo-la, com pequenas variantes, das *Memorias parochiaes de 1758*, de que P. de Azevedo publicou extractos em *O Archeólogo Português* (v, 301), e tem paralelos numerosos em Portugal e no estrangeiro (dr. J. L. de Vasconcelos. *O Arch. Port.*, II, 64).

Como nótula arqueológica-etnográfica vemos em Monsanto a tradição de «treze tigelas cavadas na rocha onde a *fidalgã* diariamente mitigava a fome aos pobres» (p. 30).

R. S. P.

PEDRO CHAVES — *Rifoneiro Português* — 1 vol. de 282 págs. + 1 de erratas. Pôrto, 1928.

Valiosa colectânea de 7.380 adágios portugueses, assim distribuídos: de tempo 50; dos meses 411, e por ordem alfabética 6.919.

O sr. P. C. justifica, perante a abundância de material, a disposição escolhida. Parece-nos contudo que não haveria inconveniente em desmembrar parte dos provérbios por ordem alfabética a favor de classes de toponímicos e antroponímicos, médicos, por dias de semana, etc., a exemplo do que fêz para os do tempo e dos meses.

Já lá cita o A.: «quem tem casas na praça, uns as acham altas, outras baixas».

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — *Curiosidades de Guimarães. I. Mulheres, jôgo, festas e luxo* — Sep. da «Rev. de Guimarães», 80 págs. Guimarães, 1927.

Conhecedor profundo do *Arquivo da Colegiada* e dos numerosos arquivos paroquiais do concelho de Guimarães, o A., nestes quatro capítulos, fornece elementos curiosos para o estudo duma sociedade depravada e folgazã, encontrando-se de permeio interessantes observações etnográficas.

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — *De Guimarães: Tradições e usanças populares* — I, 473 págs. Espozende, 1924.

Com o sub-título: «*Da Terra, do Trabalho, da Mulher, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu-Vária*» publicou a *Colecção Silva Vieira* um dos mais interessantes de quantos livros teem sido ultimamente dedicados ao estudo no nosso Povo, e do qual se faz esperar o segundo volume anunciado: «*De quadras, modilhos e linguagem*».

Apresentado de maneira feliz e com forte cunho popular, a sua leitura é amena, coisa que não sucede em geral em trabalhos desta natureza, e fácil a consulta dos seus dez capítulos, o que o torna duplamente proveitoso.

Costumes e tradições, adágios e perlengas, orações e ensalmos são animados pelo comentário vivo e singelo do distinto etnógrafo vimaranense, que em boa hora dedicou o seu livro «a Guimarães e à gente humilde dos campos».

R. S. P.

J. MANCELOS SAMPAIO e AUGUSTO SOUCASAU — **Barcelos. Resenha histórica-pitoresca-artística** — 98 págs. e numerosas est. inums. Barcelos, 1927.

Não cabe na índole da nossa Revista a análise detalhada dêste livro, e para isso mesmo seria mister buscar alguém competente.

Contudo não queremos deixar passar sem protesto a absurda origem e etimologia cartaginesas atribuídas a *Barcelos*. Infelizmente quási todos os AA. de monografias locais desprezam os estudos arqueológicos sérios; e se muitas vezes não se conhecem, ou há dúvidas, sôbre os primórdios duma povoação, nem por isso é razoável embarcar em hipóteses indocumentadas e falíveis.

Entre muita coisa boa, registemos uma estampa com diversos tipos cerâmicos locais e outra com jugos.

R. S. P.

---